

OS REALEJOS

Ha duas especies de realejo, o que faz delicia, e o que faz raiva: — não ha mais nenhum! Uns amotinam, ensurdecem, devastam, em o andamento sendo vivaz, ou mergulham n'um torpôr, n'uma attonia phisica e moral, a que o povo chama *rabuje*, e acabam por adormecer quem os ouve: — outros, tocam musicas festivas, e são magnificos; vozes soberbas, que sahem bem ao ouvido, e conhecem o caminho para a alma: melodias que atraem, distincção nas cadencias e no prolongar do som, sem se sentir a rotina estúpida de automato, porem o sentimento e a inspiração de artista!

Quando eu era pequeno, vi de uma vez um realejo, que me deixou, para sempre, profunda, eterna lembrança. Era ao cair de uma tarde; estava á janella, e iam-se-me os olhos com tal sofreguidão n'aquelle realejo primoroso, ao qual toda a pequenagem e a garotada toda do sitio haviam feito roda, que, o meu pae, por ter dó do anceio em que me via, mandou chamar o tocador. Veiu o homem a nossa casa: era um suave italiano, homem de meia idade, de cabelo para traz da orelha, calça larga, e um roupão apertado na cintura; começou a tocar, correu uma bastida de taboinhas, leve anteparo ao panno de bocca do theatro, e, logo, uns bonecos, que eu, já da janella, havia avistado, principiaram, ao som da musica, a gyrar n'uma contradança! Era o *paladino* com o seu gorro vermelho e pluma branca, polainas e calção de velludo carmesim; era a *santinha da viola*, com o seu capotinho de peregrina e um chapéu de aba direita: era o *preto de cara de polimento*, e pés de polimento: era o *jockey*, cortando o ar com o chicotinho: e, no fim, o *guarda portão* com o seu sobretudo azul de galões brancos, fazendo cortesias ao desfilar dos pares!

Ha perto de quarenta annos que foi isto, e, aquelles bonecos do realejo, todos elles fininhos, vidrilhos, guisos dourados, ainda hoje me appareem nas saudades, como se fossem a phantasia, o relampago da felicidade, cherubins de Ci-

dalisa, creaturinhas do melhor dos mundos, mais brancos que os lyrios e a neve!...

De onde veem, os tocadores de realejo?

Veem lá do fundo da sua terra, tocando pelas estradas fóra, todo o caminho, para poderem ter cama e pão...

A's vezes, jantando a *Norma*, a *Sommambula*, o *Baccio*, dormindo ao luar, e partindo de madrugada para o lado de onde lhes pareça que vem o dia e o mundo...

Lá de uma vez, ou d'outra, deixam-se ir a gostar de alguem, e vão expressar a paixão que tiverem, defronte das janellas da formosa, creaturinha gallante, que se recree de ouvir musica...

Arrastam todo o dia, das dez horas em diante, ora em cima de uma perna, ora em cima da outra, a pesada caixa das melodias, — que faz bulha, ás vezes, como uma trovoadá...

Aos dias santos, estão como se queres, e é caso para ganharem o duplo; mas, lá veem depois os dias de chuva, as grandes ventanias que não deixam abrir as janellas...

Correm a cidade; tem cada um d'elles os seus sitios conhecidos, publico affeioado, que nunca lhes recusa uns cobres, — as costureiras, que trabalham nas modistas, por exemplo, freguezas

que se delectam em escutar, emquanto trabalham, as melodias dos mestres, pensando ao mesmo tempo na sua vida, nos seus amores; boas raparigas, para quem a musica não represente só a harmonia dos sons — mas a das almas!

Com os annos, o tocador vê fugir-lhe o gosto pela vida errante, e a força para suster o realejo.

Quem os ouvir conhece logo essa situação, de despedida á musica; tocam mais demoradamente, mais vagamente, como traduzindo, no andamento, as suas tristezas...

Sente-se que estão velhos, doentes, cançados, e parecem desentranhar da voz do realejo o canto do cysne!...



VERSOS AO JULIO

O ORVALHO E A ROSA

Na corolla d'uma rosa
De belleza peregrina
Brilha uma gota formosa
De agua pura e crystallina.

Os mais varios cambiantes
D'ella se expellem a flux,
Como de finos brilhantes
Postos aos raios da luz.

A rosa, o calix dobrando,
Da brisa ao passar fagueiro,
Rescende um perfume brando,
Fino, suave e ligeiro.

Alguem se approxima; ao vel-as,
Segura o mimoso galho,
E exclama: — São ambas bellas,
A flôr e a gota de orvalho!

— Exhala a rosa o perfume
Que entre as flôr's não tem rival,
Lança centelhas de lume
Esta per'la matinal...

— D'uma, o perfume se admira,
D'outra, o brilhante fulgor...
Que eu não sei qual preferira,
Se esta per'la, ou se esta flôr...

A rosa, pouco modesta,
Por se julgar a primeira,
Do orvalho o valor contesta
Fallando d'esta maneira:

— É bella a per'la que apontas,
Porém, se eu quizer, esmago-a...
Não passa, no fim de contas,
D'uma pobre gota d'agua...

Cabiu-me aqui no regaço,
De mim se alimenta e medra;
Sou eu apenas que a faço
Par'cer valiosa pedra...

— Se acaso a desempoleiro
Da sua opulenta cama,
Verás então, lisongeiro,
A per'la tornar-se em lama...

E tendo assim discorrido,
A falla juntando a acção,
Num gesto atroz, sacudido,
Lançou o orvalho ao chão!

E a per'la, disse, cahindo
Sobre a areia do jardim:
— Antes do dia ser findo
Em vão chamarás por mim...

Não tarda que o sol escalde
Da rosa o mimoso galho
E ouve-se a rosa debalde
Chamando a gota de orvalho...

.....
Um são conceito me occorre,
Que este conto em si resume:
Esmolando ás vezes morre
Quem de si muito presume.

D. MARIA DO Ó.

CONTO ARABE

O joven El-Abassi sahia da mesquita, no santo dia do Monloud (natividade do Propheta) quando viu aproximar-se um pastor da sua montanha natal. Depois das saudações usuas, Abassi perguntou ao camponez se a sua familia estava boa, se havia por lá alguma novidade.

— Vae tudo bem — respondeu o pastor. — Ah! é verdade, apenas o corvo que o senhor creou, lembra-se? o corvo de que tanto gostava...

— Sim; e então?

— Morreu.

— Coitadinho! que pena! E de que morreu?

— Supponho que foi por ter comido muita carne.

— Muita carne! Então onde foi elle arranjal-a?

— Ora essa! era a carne dos seus quatro cavallos.

— Dos meus quatro cavallos?!

— Sim, senhor; tanto os fatigaram a transportar agua, que os pobres animaes esticaram.

— Mas para que era essa grande quantidade de agua?

— Para que era! para apagar o fogo que destruiu mais de metade da casa.

— A minha casa incendiada!... Ó maroto, porque não me disseste isso logo? Mas como pegou o fogo?

— Foram os seus criados com as tochas.

— Com as tochas?... mas para que acenderam elles as taes tochas?

— Para honrarem o enterro de sua mãe.

— Minha mãe morreu! E não me dizias nada, patife! E vens fallar-me do corvo, dos cavallos, das tochas, e não sei que mais, quando acabou de perder o que mais amava no mundo!...

Mas de que morreu a minha pobre mãe?...

— Morreu de ciumes.

— De ciumes?...

— Sim, senhor, porque seu pae tinha ido casar com outra mulher.

Este ultimo golpe levou ao auge o desespero de El-Abassi, que de certo teria estrangulado o estúpido pastor, para o mandar fazer companhia ao corvo e aos cavallos, se outros arabes lh'o não tirassem das mãos.

AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBREUX

(Continuado do numero antecedente)

— Queres então saber o que tinham os saccos de areia—respondeu o complacente avô.—Antes de se encher o balão, carregava-se a barquinha com saccos de areia, e quando o aeronauta deseja elevar-se mais, allivia a carga, o que faz com que o aerostato suba logo, porque o peso é menor. Isto é facil de perceber.

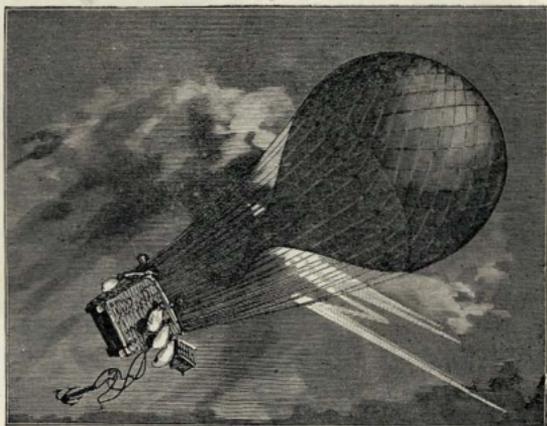
— Sim, sim; mas o quer dizer a palavra aerostato?

gel-os, e que lhes inspirava confiança. O certo é que a victoria foi nossa.

— Esse balão estava preso á terra por uma corda; mas os balões livres vão para onde o vento os impelle, não é verdade?

— Infelizmente, não se pode dirigir um aerostato. Trata-se de estudar as correntes de ar, e se conseguirem conhecê-las como se conhecem as maritimas, talvez seja possível utilizá-las, escolhendo-se o ponto do destino; dar, porém, uma direcção completa, e segundo os nossos desejos, aos balões, é que julgo que nunca se conseguirá.

— Que pena! Em vez de carruagens, teríamos balões. Quando eu fosse fazer alguma vi-



— Aerostato forma-se de duas palavras gregas que significam: suste-se no ar.

— Então os gregos tinham balões?

— Não. Os sabios modernos é que foram buscar estes termos á antiga lingua grega. A invenção dos aerostatos não tem ainda um seculo.

— Servem então apenas para estudar as ares?

— Têm servido e continuarão a servir para outras coisas. Durante as guerras da Revolução, lembraram-se de empregar os balões nos exercitos, como meio de observação. Na batalha de Fleurus, o capitão Coutelle foi incumbido de observar, mettido na barquinha d'um balão preso, as forças e os movimentos do inimigo. Escrevia as informações n'um papel, mettia-o n'um sacco de areia e atirava este para a terra. A presença d'aquelle globo aéreo incommodava os austriacos, que suppunham não poder dar um passo sem serem vistos. Além d'isso, os nossos soldados viam constantemente por sobre as cabeças aquella arma desconhecida, que parecia prote-

sita, entrava pelo telhado da casa. Era até escusado haver portas na rua; os porteiros passariam para o telhado. Seria muito divertido!

— E os quintos andares seriam então os primeiros — interveiu sorrindo o sr. de Beaucourt.

— É verdade! O avôsinho, pois nunca se ha de poder dar direcção aos balões?

— Devemos confiar sempre na sciencia, minha querida filha. É de crer que se descubra ainda algum apparelho, de forma differente da dos balões, que nos permita navegar pelos ares, e que venham substituir não só as carruagens, como tambem os caminhos de ferro e os navios.

— Oh! que felicidade! — exclamou a Susaninha. — N'esse caso, o papá não tornaria a expôr-se aos perigos do mar, e as suas ausencias não nos causariam tantos sustos!

A bondosa menina queria já aproveitar para a sua familia a invenção futura da navegação aérea!



CAPITULO XXVII

O PARQUE MONCEAUX

O parque Monceaux, reanimado pelo sol de maio, retomara a sua apparencia alegre. Pennachos de flôres brancas ou vermelhas, contrastavam com a verde folhagem dos castanheiros. Os lilazes espalhavam em volta o seu delicioso perfume. Os diversos canteiros mostravam-se ufanos com as suas margaridas côr de rosa e brancas, com os seus goivos variados, com os seus amores-perfeitos similhando velludo.

Alguns tufos de hera, batidos pelas ventanias

do inverno, pendiam dos troncos dos olmeiros, similhantes a emmaranhadas cabelleiras.

A nossa Susana, acompanhada pela criada Luiza, seguia pela grande alameda, guarnecida de cadeiras de ferro, pintadas de amarello, e de bancos verdes de encosto recurvado. Ia andando sem reparar nas loiras creancinhas que por alli estavam com as suas amas. Não dava mesmo attenção ás meninas mais crescidas, que brincavam alegremente com os seus arcos e pellas. É que a Susaninha tinha pressa de chegar á pontesinha de pedra e tijolo do formoso lago que dá guarida a grande numero de patos.

Era n'aquelle sitio que devia encontrar-se com a sua amiga Adelia, que devia communicar-lhe coisas muito importantes.

Eis o que se passara na vespera.

A nossa querida Susana, vendo que seus paes continuavam sempre tristes, e que não tornava a fallar-se do casamento do mano Paulo, perdera ella tambem a sua habitual alegria. Entretanto, para não augmentar os desgostos da familia, esforçara-se por dissimular em casa a sua tristeza; mas cá fora, no parque, onde costumava encontrar-se com a Adeliasinha, não se contraziava. Recusava brincar com a sua amiga; conservava-se sentada, pensativa, distraida, não respondendo ás perguntas da carinhosa Adelia, que, apesar do seu aspecto de indolencia, muito se interessava pela sua amiguinha.

n'isso. Nem me deixam ir abraçar a minha querida Thereza!

— Mas sabes o que impede esse enlace?

— Sei e não sei. Uma noite, o papá, ao saber definitivamente que na familia de Thereza houvera um tal Pedro de Montlaur, fallecido durante a guerra da Criméa, declarou impossivel o casamento.

— E' singular! — disse Adelia. — E não podeste saber porque o defunto Pedro de Montlaur se tornara um tamanho obstaculo?

— Ora! fartei-me de perguntar; mas nem o avôsinho me quiz responder! E comtudo, diz-me o coração que, se eu conhecesse o tal motivo, conseguiria conciliar tudo!

— Eu descobrirei o segredo! — disse com sergança a outra pequenita.



... ao aproximar-se-lhe, disse-lhe em voz baixa...

— Mas que tens tu? — perguntava-lhe repetidas vezes.

Susana limitava-se a responder:

— Não tenho nada.

Sem embargo, na vespera, a pequenina Adelia, mostrando uma energia que ninguem lhe poderia suppor, insistiu tão vivamente em querer saber o motivo da tristeza da Susaninha, que ella viu-se forçada a confiar-lhe os seus pesares.

— Então o motivo de todo esse desgosto é estar desmanchado o casamento de teu mano Paulo com a menina Thereza? — observou Adelia, depois de ouvir a sua amiga.

— De certo.

— Não sei para que fazias mysterio d'uma coisa que eu sabia ha muito tempo.

— Sabias?! Como?

— Ouvi a mamã fallar n'isso.

A Susaninha ficou pensativa um momento, murmurando depois com um suspiro:

— Como eu seria feliz, meu Deus, se esse casamento se realisasse! Mas é escusado pensar

— Tu?! Como?

— Pela minha mamã.

— Oh! quanto te agradeço, minha querida Adelia!...

— Não me agradeças ainda, porque posso trazer-te uma noticia que preferias ignorar.

— Tens razão!

— Vem amanhã a este sitio, que eu te direi o que souber.

E ahí está porque a Susaninha se mostrava tão preocupada n'aquelle dia.

Adelia de Lucy não estava ainda no logar aprazado.

Susana, muito inquieta, olhava para o lado por onde devia chegar a sua amiguinha. Finalmente avistou-a ao longe.

Mas a Adeliasinha de certo não era portadora de boas noticias; caminhava muito devagar, ao lado da criada, mostrando-se contrariada. Susana julgou que ella nada conseguia saber, e, por isso, ao aproximar-se-lhe, disse-lhe em voz baixa:

— Não sabes nada!
 — Sei tudo.
 — Então falla!
 — Bem te dizia eu hontem que era talvez melhor ignorar tudo! De facto, o casamento é impossivel!

— O meu Deus! explica-te, explica-te! — implorou Susana.

Ficou então sabendo a historia do duello, e, deveras afflicta, conheceu que não tinha forças para destruir o obstaculo.

A pequenita Adelia parecia compartilhar do desgosto da sua amiga. Ambas ficaram silenciosas.

De repente, começaram a cahir grossos pingos de chuva. D'alli a nada, ouviu-se ao longe o ribombar do trovão. A tempestade rebentava subitamente, sem ser esperada.

Começaram todos em movimento, muito assustados. As amas abrigavam sob as capas os seus bebês. As mamãs abriam as sombrinhas. Os homens corriam, procurando um abrigo. Os guardas do parque andavam d'um lado para outro, promptos a prestarem qualquer serviço no meio d'aquella desordem.

A Susaninha e a sua amiga não podiam ir fugiar-se no palacio, que ficava distante. A chuva cahia agora com toda a força; succediam-se os relampagos, a trovoadá aproximava-se rapidamente.

As duas pequenitas, as suas criadas, e muitas outras senhoras apertavam-se umas contra outras, mal abrigadas debaixo da copa d'um castanheiro.

Subito, um enorme relampago illuminou todo o céu, seguindo-se um trovão medonho, que abalou a terra.

Em seguida, ouviu-se um grito de afflicção e dor.

A Susaninha olhou espavorida, e viu cahido em meio da alameda um dos velhos guardas do parque.

O infeliz fôra assombrado por um raio!



CAPITULO XXVIII

O RAI0

Em quanto o pobre guarda era soccorrido, a trovoadá afastou-se.

N'aquelle momento, o sr. de Beaucourt, muito inquieto, vinha á procura da sua neta.

A Susaninha ficara em extremo commovida com o enorme ruido do trovão, e com o accidente do desventurado guarda, que ficára ferido ou morto. Agarrava-se sem pinga de sangue á criada Luiza, quando avistou o avôsinho.

O sr. de Beaucourt examinava ancioso todos os grupos de meninas, a ver se descobria a netinha.

— Avô! avô! — gritou Susana, correndo a lançar-se-lhe nos braços. — Ai! que medo tive!

— Tambem eu, minha filha, por saber que não podias estar longe do sitio onde cahiu o raio. Felizmente, nada soffreste!

— Mas houve uma victima: o pobre guarda morreu talvez...

— Não; está apenas ferido; vi-o quando o transportavam.

— Vamos saber noticias d'elle?

— Mais tarde; agora devemos ir para casa, para tranquillizarmos a tua mamã.

— É verdade, é verdade! vamos depressa!

A Susaninha beijou a sua amiga Adelia e retirou-se com o avô.

A senhora de Sannois acabava de regressar a casa, e sabia já que a pequenita Susana nada soffrera; não obstante, muito commovida só com a idéa do perigo que correrá sua filha, esperava-a anciosa.

A mãe e a filha abraçaram-se com effusão.

Susana, muito impressionada com a sorte do guarda, fallou d'elle á mamã, que prometteu soccorrel-o. Depois, mais soçegada a este respeito, pegou na mão do avô, conduziu-o para uma poltrona, obrigou-o a sentar-se, serviu-se ella tambem de outra cadeira, e com o modo mais natural, disse-lhe:

— Falla, avôsinho.

O sr. de Beaucourt, muito espantado, não comprehendeu logo.

— Que dizes tu? — perguntou elle.

— Espero a explicação.

— A explicação de quê?

— Ora de quê! do trovão!

— Ah! sim! — volveu o ancão, sorrindo. — Tinha-me esquecido que eras uma curiosa incorrigivel. Queres então saber o que é o trovão?

— Quero, avôsinho.

— O trovão é uma grande bulha, nada mais. Estás satisfeita?

E o sr. de Beaucourt fez um movimento para se levantar.

— Não estou satisfeita, não, senhor! — exclamou a Susaninha. — Ai que o avôsinho está a mangar commigo! A bulha não faz mal a ninguém, e se o trovão é apenas uma grande bulha, não foi elle que feriu o guarda do parque. Que foi então?

(Continua).

A CIGARRA ENTRE OS GAFANHOTOS

No tempo em que as andorinhas
Andam das moscas á caça,
Quiz extinguir um camponio
Dos gafanhotos a raça.

E, como elles nos seus campos
Fram praga do diabo,
Conforme os ia apanhando,
Ia d'elles dando cabo.

Eis que sob a mão lhe cahe
Uma cigarra mui bella;
E no momento em que o homem
Vae para dar cabo d'ella,

Esta exclama: — Tem piedade!
E considera, senhor,
Que jamais eu nos teus campos
Destruí ou fructo ou flôr!

— Amiga, diz-lhe o camponio,
Apraz-me poupar-te os dias...
Mas p'ra outra vez não andes
Mettida em más companhias.

J. I. D'ARAÚJO.

A SURPREZA

Lili era uma creança tão docil e obediente, que seu pae deu-lhe um dia de presente um lindo canario, n'uma elegante gaiola.

Bem podem imaginar, queridos meninos, a alegria que Lili experimentou ao receber aquelle presente, porque desde muito o desejava. N'aquella occasião não se teria trocado por uma rainha, tal era a sua felicidade em possuir aquella avezinha tão formosa.

Punha a gaiola sobre uma cadeira, para ter o canario mais perto; fallava-lhe, ameiçava-o, passando os seus dedinhos atravez das grades de arame. Todas as manhãs dava-lhe pinhões, que o passarinho vinha comer á mão; á noite dava-lhe migalhas de biscoitos; emfim, tantos eram os mimos, que acabou por estragal-o.

Esta alegria durou algum tempo; mas um dia, a Lili achou o seu passarinho morto na gaiola. Ao principio custava-lhe acreditar que o seu amiguinho, bonito e esperto na vespera, tivesse morrido tão depressa; mas, por fim, foi obrigada a acreditar, quando viu que todos os esforços para reanimar-o eram baldados. Chorou a mais não poder ser; mas teve de resignar-se. Foi a primeira dôr que soffreu, e nunca a poudes esquecer.

Quiz então fazer um esplendido enterro ao seu canario, e para isso convidou todas as suas amiguinhas. Collocou o cadaver n'um pequenino carro, coberto de flores e de folhas; depois, vagarosamente, em procissão, o cortejo seguiu até ao mais bonito canteiro do jardim; e cavando com as suas delicadas mãosinhas uma cova, ahí depôz a gentil avesinha.

Durante os preparativos do enterro, a Lili esqueceu momentaneamente a sua dôr; mas logo que voltou para casa, de novo se entregou a

tristezas, pensando no seu canario, que poucos dias antes lhe causava tanta alegria; e cada vez que o seu olhar se dirigia para a gaiola vazia, os olhos enchiam-se-lhe de lagrimas.

Estava sempre triste e pezarosa, até que um dia disse ao seu irmãosinho:

— Ouve cá, Eugenio; amanhã é a festa da Paschoa, em memoria da Ressurreição de Nosso Senhor; não poderia dar se o caso de, por um milagre, o meu passarinho resuscitar tambem?

— Seria difficil, respondeu-lhe o irmão; os milagres parece terem passado de moda.

— Quero pedir a Deus para que faça resuscitar o meu passarinho! — disse a creança.

— Experimenta, replicou o irmão, as orações aproveitam sempre.

Lili ajoelhou então, ergueu as mãos e disse com os olhos volvidos ao céu:

— «Meu Jesus, tu que és amigo dos meninos, faze-me este favor: resuscita o meu passarinho! Se me concederes este beneficio, amar-te-hei sempre, adorar-te-hei de joelhos!...»

N'essa noite deitou-se cheia de esperanza, e pela manhã acordou alegre. De repente, pareceu-lhe ouvir o chilrear do seu passarinho.

— E' impossivel! pensou ella, foi um sonho.

Levantando-se sem demora, correu para o lado d'onde lhe tinha parecido ouvir a voz do seu amiguinho, e ficou admirada de ver uma coisa saltitando na gaiola; mas como esta estava collocada muito alto, não podia distinguir bem o que era. Chamou a mamã, e pediu-lhe que descesse a gaiola.

— E' o teu canario que resuscitou, — disse a mãe, aproximando-lhe a gaiola; — Nosso Senhor fez um milagre.

Lili olhou attentamente para o passarinho e viu que, com quanto fosse parecido com o outro, não era o mesmo. Virou-se para sua mãe e abandonando a cabeça, disse:

— Compreendo; este milagre foi a mamã-sinha que o fez; porque milagres d'estes, só uma boa mãe os sabe fazer; estou, porém, satisfeita, porque ao menos não tornarei a ver a gaiola vazia, e hei de amar tanto esta avesinha como a outra que perdi.

Na realidade fôra a mãe que, tendo ouvido a oração da filha, quizera fazer-lhe aquella doce surpresa.

ANNA, ERMELINDA & C.^a

MÃE!

Ó mãe, ó divino amor,
Tens o genio de Jesus!
Teu nome é feito de luz,
D'um immaculado alvor!

Ás entranhas deu-te — Deus
O Verbo, a Encarnação!
Tu guardas no coração
O amor dos filhos teus!

MATHEUS PERES.

